

Tipologia votiva e lição literária:
O caso Tolentino

Agostinho Araújo

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 175-196

Tipologia votiva e lição literária: o caso Tolentino

Agostinho Araújo *

*"Nicolau Tolentino
é o poeta mais eminentemente nacional no seu género (...)
As pinturas dos costumes, da sociedade,
tudo é tão natural, tão verdadeiro!"*

- Almeida Garrett, *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portuguesa*, 1826.

Introdução

Nicolau Tolentino de Almeida (1740-1811), nascido e falecido em Lisboa, era filho de um advogado da Casa da Suplicação. Andou intermitentes anos por Coimbra, na década de 60, frequentando a Faculdade de Leis, cujo curso talvez não tenha chegado a concluir.

Depois de Évora¹, foi na capital mestre de Retórica e Poética nas escolas públicas criadas pela reforma pombalina; mas a função docente não o entusiasmava. Procurou então e alcançou seguir a carreira burocrática, como oficial da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino.

Pela origem familiar, preparação académica e vida profissional já qualquer testemunho seu teria, em princípio, algum interesse. Acresce que este filho de uma pequena burguesia remediada conviveu com o povo das ruas, botequins e prostíbulos, ao mesmo tempo que orbitava sem parança a mesa, os salões e os favores - o menor dos quais não terá sido a edição, a expensas régias, das *Obras Poéticas*, em 1801 - da influente aristocracia de corte.

Mas é o carácter *suigeneris* da sua arte literária, balanceada entre o sociológico de todo o risível coevo (excepto, bem entendido, o concernente aos grandes que lhe davam o peru, o colete e as ambicionadas fitas e cruces dos cargos e das ordens honoríficas) e o psicológico da congénita melancolia, entre a concreção da luz zombeteira e a amarga névoa intimista trespassando o próprio autor, que vem a constituir uma inestimável fonte histórica, a qual procuraremos explorar acerca de matéria delimitada: a frequência costumeira de diversas manifestações votivas.

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP

¹ "No terceiro anno de Filozophia que era o de 1766 foi provida a cadeira de Rethorica por substituição a Nicolao Tolentino de Almeida natural de Lisboa, com hordenado de 20\$000 por mez cujo cargo servio 2 annos com muita aceitação, e proveito dos estudantes (...). O substituto (Nicolau Tolentino de Almeida) tão bem fez seus dous actos públicos em Retórica e poética e sua Oração Latina a fexar os estudos" - cf. Francisco Lourenço Vaz, "A Cidade de Évora na obra de Bento José de Sousa Farinha (1740-1820)", *A Cidade de Évora*, II série, n.º 2, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1996-1997, pp. 457 e 482.



Fig. 1 - Giuseppe Trono (1739-1810) - Retrato de Tolentino

Propiciações e gratulações incorpóreas

Esta categoria votiva é multimoda². Mas nenhuma forma se reveste, como a dança - e, em particular, as invocações bailadas ao dominicano do Tâmega - de uma tão ostensiva ambiguidade entre o sagrado e o profano. E o poeta flagra, desdobrando situações paralelas, essa fisicidade simétrica que parece ligar magicamente a dor e o prazer, a auto-flagelação e a exibição sensual:

Em bandolim marchetado,
 Os ligeiros dedos prontos,
 Loiro paralta adamado, Foi
 depois tocar por pontos O
 doce londum chorado.
 Se Márcia se bamboleia
 Neste inocente exercício,
 Se os quadris saracoteia,
 Quem sabe se traz cilício,
 E por virtude os meneia?
 Não sentenceies de estalo; Têm as
 danças fim decente; Ama o pai; mas,
 por deixá-lo, Dança a donzela inocente
 Diante de São Gonçalo.
 Cobrando o pardo dinheiro,
 De que o povo é tributário,
 Velho preto prazenteiro
 Para glória do rosário,
 Remexe o corpo e o pandeiro.

² inúmeras que são as espécies gratulatórias imateriais, veja-se, como exemplo de um gesto de humildade, o seguinte caso: "Neste mesmo ano [1740], em Domingo, a25 de Setembro, disse a sua primeira missa nesta Igreja Frei Manuel da Graça, já muitas vezes mencionado, dando-me de jantar e à comunidade e alguns amigos à sua custa, e na Ceia foi servir a Comunidade, promessa que disse tinha feito a N. S.^a de quem tomou o sobrenome que conserva" - Manuel Vieira de Sousa, "Aditamento à Breve Relação pelo P.^o Reitor (...), Breve relação da fundação do Colégio dos Meninos Órfãos de N. S.^a da Graça, sito fora da Porta do Olival desta Cidade do Porto, em a qual se contém tudo o que na fundação dele sucedeu pelo Padre Baltazar Guedes (Publicação comemorativa do III Centenário do Colégio dos Órfãos). Introdução de A. de Magalhães Basto. Porto, Câmara Municipal do Porto, 1951, p. 301.

Em solene procissão Une a
 fríeleira casta O fandango e a
 devoção; Mas enfim de
 exemplos basta, e tornemos à
 questão.
 U³.

A outro horizonte cultural, agora clássico e pagão, se reporta o soneto em que Tolentino, posto que desenganado, continua a imolar-se no altar do Amor, incapaz de renunciar ao gesto sacrificial, de extinguir a cega esperança...:

"Fiei-me nas promessas que afectavas,
 Nas lágrimas fingidas que vertias,
 Nas ternas expressões que me fazias,
 Nessas mãos com que as minhas apertavas.
 Talvez, cruel, que, quando as amimavas, Que eram
 doutrem na ideia fingirias, E que os olhos banhados
 mostrarias De pranto, que por outrem derramavas.
 Mas eu sou tal, ingrata, que inda vendo
 Os meus tristes amores mal seguros,
 De amar-te nunca nunca me arrependo.
 Ainda adoro os olhos teus perjuros, Ainda amo a quem
 me mata, ainda acendo Em aras falsas holocaustos
 puros"⁴.

No mesmo fundo se enquadra a sua musa, habitualmente "frouxa e rasteira", quando, desafiada a erguer-se "acima das estrelas" para cantar a "virtude sublime" da amizade, assim termina:

"C)
 Nada disto apeteço; Sabem os deuses, e
 por eles juro, Que os votos que lhe of
 reco, Nascidos vêm de coração mais
 puro; Que estes bens não invejo, Que
 levanto a mais alto o meu desejo.
 Se nos serenos ares
 Lhe vão suspiros meus, d' alma mandados;
 Se deixo seus altares
 De minhas puras lágrimas banhados;
 Se os comovo à piedade,
 Meus votos são por ti, santa amizade.
 Dêem-me fiéis amigos, Mostrem-se embora, em
 tudo o mais, irosos; No meio dos castigos Lhes
 chamarei benignos e piedosos: Amigo verdadeiro,
 Tu vales mais que o universo inteiro"⁵.

³ Nicolau Tolentino de Almeida, *Memórias e Sátiras - Quintilhas*. Apresentação, fixação do texto e notas de José Colaço Barreiros, Porto, Felício & Cabral, 1995, pp. 148-149.

⁴ Idem, *O Pícaro e o Satírico - Sonetos*. Apresentação, fixação do texto e notas de José Colaço Barreiros, Porto, Felício & Cabral, 1998, p. 77.

⁵ Idem, *Obras de (...)*. Prefácio de Alexandre O'Neill. Desenhos de Nogueira da Silva. Lisboa, Estúdios Cor, 1969, p. 357.

Ex-votos simbólicos a)

mortalhas

Começemos não pelas habituais mordacidades mas por um Tolentino que nos surge como fer-voroso devoto de Maria, depositando a seus pés um soneto gratulatório:

"Se a febre arrebatada enfim declina,
E se se esconde a aberta sepultura,
Ao vosso rogo o devo, ò Virgem pura,
Por quem me quis livrar a mão divina; Sem
Vós debalde a experta medicina Traça, e aparelha a
desejada cura; Sem Vós o índio adusto em vão
procura A amarga casca da saudável quina.
Quando em luta co'a morte me contemplo,
Sem haver já no mundo quem me valha,
Do vosso grão poder, que grande exemplo!
Vencestes; e em memória da batalha Pintarei nas paredes
deste templo, Rasgando, um novo *Lázaro*, a mortalha"⁶.

À exigência do trabalho literário, de consabida inspiração quinhentista, corresponde a rigorosa doutrina da fenomenologia votiva: o milagre está somente ao alcance do poder divino, a Virgem é

⁶ Idem, *O Picam e o Satírico...*, p. 137.

⁷ Vd. sobre este ponto, a título opulentemente exemplificativo, a informação contida na legenda de um ex-voto do Museu de Marinha: "Em o anno de 1778 vindo da Bahia a Nao Nossa Senhora da Ajuda, e S. Pedro de Alcantra, comandada pelo Cap.^m de Mar e Guerra Jozê dos S.^{os} Ferr.^o / Comboyando vários Navios p.^a Lx.^{oa} e p.^a o Porto: no dia 8 de Setembro estando na Altura de 27 grãos e 19 minutos Norte, e Longitude 343 / grãos e 16 minutos Se formou hum tão grande Temporal de vento e mar q fês Separar os Navios da Nao e huns dos outros, e Correndo a Nao / Com o dito tempo heraõ taõ grd.^{os} os balanços q dava q Com hum delles Se partio o Mastro grd.^e caindo p.^o dentro da Nao e o mais Sobre as Ondas do mar / hñdo Com o d.^o Mastro 10 Marinh.^{os} dos quaes 2 perecerão e os mais Vierão p.^a dentro da Nao. Logo os officiaes Cuidarão em m.^{dar} cortar todos os Cabos e o dito / Mastro p.^a de todo ficar no mar como se vê na figura N.^o 1 e fazendose todas as delig.^{as} p.^a ver se os outros Mastros ficavaõ em pé estes naõ valerão pois com / outro balanço Se partio o Mastro do Traquête e cahindo p.^a a Proa partio o gurupeuz e cabeça do Leaõ indo juntam.^o hum Marinh.^o artilh.^o q. pereceo no mar e q. partio o mastro da Mezêna e q. cahio p.^a a p.^o de Bombordo. Logo Se mandou cortar todos os Cabos q. prendiaõ os Mastros p. estes causarem grandes danos. De modo / q, pelas 7 horas da manhã ficou a Nao Raza de todos os Mastros e pouco depois sem o leme q. se desfes em piquenos pedaços Como se vê na figura N.^o 2 e assim fi / cou a Nao todo o dia á descrição das Ondas: Nestes evidentes perigos em que os infelizes Navegantes Se viaõ Só de Deos esperavaõ os Socorros e assim todos im- / ploravaõ o Patrocínio da Virgem Snr.^a Nossa e no titulo da Penha de França promettendolhe hum mêz de Soldo p.^a Celebrarem hua Festa a Virgem May de D.^s / em agradece.^o do benef.^o q. esperavaõ Receber. Animados com hua Fê verda^r naõ sessarãõ todos de trabalhar em tudo q.^o foi precizo. No dia 9 tendo já abbonaçado / algum.^o Coiza o tempo com m.^o Constância cuidarão Logo em fazer hum Leme de toros de Amarra e juntam.^o aparelharem a Nao com os Mastareos, Vergas, e mais Coizas q.^e / que havia de sobreceleante com tanta actividad.^e q no dia 15 estava de algum modo Remediada a falta dos outros Mastros: Navegando já a Nao de modo q.^e se mostra na / figura N.^o 3 e fazendose outro Leme taõ bem de toros de Amarra abotoados huns aos outros e com traveças de taboas pregadas a largura Servindo de Madre a Cana do Le- / me q.^e se despedaçou e com 3 machos pregados na d.^o Madre de tal modo q.^e ficou semelhante ao da madre q.^e se tinha desfeito como se vê na figura N.^o 4 com o d.^o Leme gover- / nou a Nao té entrar pella Barra de Iisbr em o dia 23 de Setr.^o E no dia 24 desembarcarão todos na Praya de Santos e descalços foraõ em Procição levando a Vella grande / q. oufreceeraõ a Nossa Sr.^a da Bonança Cita na Igr.^a de Santos e depois continuarão com a d.^a Procição p.^a esta Igr.^a conduzindo o Traquête e o modelo do estado em q ficou a Nao / e oferecendo a Nossa S.^a Penha de França em o dia 8 d Stbr.^o de 1779 assim comprindo o Voto q prometerão fazendo a festivid.^e com missa de Pontifical e o mais q bem const.^o hê" - cf. Carlos Lopes Cardoso, "Catálogo", *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos do Rio, do Mar e do Além-Mar*, Lisboa, Museu de Marinha, Maio a Setembro de 1983, pp. 130131 (n.^o 185); Alberto Iria, "Ex-votos marítimos inéditos dos séculos XVII ao XIX (Novos subsídios para a sua História)". Comunicação feita em Assembleia Geral Ordinária de 30 de Janeiro de 1981, pelo académico de número (...), *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.- série, vol. XXXT, Lisboa, 1984, pp. 341-342; Maria Natália Correia Guedes, Maria Isabel Rocha Roque, Dália Maria Godinho Guerreiro, *et alii*, *Encontro de Culturas. Oito Séculos de Missionação Portuguesa*. Catálogo. Lisboa (Mosteiro de S. Vicente de Fora), Conferência Episcopal Portuguesa, Julho a Dezembro de 1994, p. 123 (n.^o VII.87); e Agostinho Araújo, "Apresentação" e "Catálogo", *Estórias de dor, esperança e festa. O Brasil em Ex-Votos Portugueses (Séculos XVII-XIX)*. Exposição [itinerante: Rio de Janeiro / Brasília / Salvador], Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Dezembro de 1998, pp. 72-73 (n.^o 26).

⁸ Vd., entre muitos outros: "M.^o q. Fes. aSa.^t St.^a Ireia. aoP.^o Me.^o / Ribr.^o. doLvgar. doCazal. q. estan / doente, dehvmas. sesois. qva[r]taís / qvazi. dehv. ano. tomando, vários, re / médios. aSr.^o olivrov. Ano dl764" - cf. Robert C. Smith, *Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1966, p. 7 (fig. 3).

intercessora eficiente, o ex-voto agradece e propaga a extraordinária mercê recebida. Trata-se, portanto, de um sinal de fé, adorando a onipotência de Deus e reconhecendo humildemente os limites humanos (onde cabem, porém, esforços necessários...⁷ aqui com curiosa amplitude globalizante, aberta pela Expansão e pela Missionação: da medicina europeia de raiz clássica às alternativas das índias Ocidentais, na tradição pré-colombiana).

Mas, à laia de "quadro dentro do quadro", Tolentino enfatiza o seu acesso de febre palustre⁸ através de uma imagem bíblica, como se tivesse mesmo regressado do Além⁹ (veremos adiante também, no soneto ao Conde de Resende, a ressurreição dos doentes, "vítimas" dos médicos maus...). Temos então, no seio e no clímax de um ex-voto narrativo (vd. *infra*), um efeito de estilo que utiliza um elemento simbólico para aludir à derrota da Morte.

Quanto à específica representação dos estados febris recordemos o ex-voto de Manuel Gomes Ramos (1746) a Santo António, da capela de Nossa Senhora da Ajuda (Lordelo do Ouro, Porto): todo o quadrante superior direito desta tábua quase quadrada é preenchido pela aparição da entidade invocada. Santo António, olhando ligeiramente para a sua direita (para um ponto indefinido, todavia, sem ligação à circunstância terrena que o chamou), enverga o hábito franciscano, com manto. Ergue com a mão direita a cruz, enquanto com a esquerda sustenta o Menino. Este une-se ao Taumaturgo pelo nimbo simples comum e ainda pela mão direita com que se ampara, segurando com a esquerda, no regaço, o globo do mundo. As nuvens envolventes cavalgam, abruptamente, o doce encarnado vivo do leito do enfermo, em rígida tomada frontal. Dentro deste esquematismo muito incipiente (onde, contudo, o desenho da indumentária do santo parece provar a facilidade em recorrer à cópia da abundante imagética devocional), o pintor não se esqueceu de debruar a roupa de cama; nem de assinalar a característica coifa a enfaixar a cabeça do doente, sinédoque recorrente em que a necessidade de aliviar (pelo recurso às ligaduras brancas humedecidas) a ardência febril pretende simbolizar a premência ansiosa de toda e qualquer situação clínica - cf. Adriano Coutinho Lanhoso, "A Capela do Senhor e Senhora da Ajuda, de Lordelo do Ouro", *O Tripeiro*, série VI, ano II, n.º 3, Porto, Março de 1962, p. 72; Idem, "Nossa Senhora protectora dos mareantes do velho burgo do Porto", *Boletim Cultural*, vol. XXIX, n.ºs 1-2, Porto, Câmara Municipal do Porto, Março-Junho de 1966, p. 73; Agostinho Araújo, *A Pintura Popular Votiva no séc. XVIII (Algumas reflexões a partir da colecção de Matosinhos)*. Comunicação apresentada no Colóquio "O Porto na Época Moderna" (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 8 a 10 de Novembro de 1979), Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de História da Universidade do Porto (sep. da *Revista de História*, vol. II - Actas do Colóquio *supra cit.*), 1979, pp. 8-9; Hélder Pacheco, *Porto*, 2.ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 1984, p. 33; Carlos A. Moreira Azevedo, João Mário Soalheiro Costa e Fernando Carlos Fernandes Coutinho, *Roteiro do Culto Antoniano na Diocese do Porto*, Porto, Fundação Manuel Leão, 1996, pp. 60 e 61 (n.º 124); e Agostinho Araújo, "Apresentação" e "Catálogo", *Estarias de dor, esperança e festa...*, p. 54 (n.º 11).

⁹ "MILAGRE. / AHUÓ, FILHO, DE. FRAN. / DAVEIGA, DOLUGAR / DAPARADINHA, NO. = / VA, ESTANDO IA, M. = / ORTO, U, PORMETEO / SVA. ¹⁰ Ó SOR S. ROQV. = / E, ITEUE, LOGO, UI. = / DA; ANNO DE. = / 1768." - cf. Belarmino Afonso, *Ex-Votos e Religiosidade Popular no Distrito de Bragança*, Bragança, Região de Turismo do Nordeste Transmontano, 1995, p. 70 (n.º 40) e il. da capa (embora um passo da leitura feita - "u pormeteo o Senhor S. Roque" - esteja incorrecto, omitindo-se o papel fundamental, como impetrante, que coube à aia; o pintor muito valorizou, não só pela colocação em pólo diagonal que apela ao invocado, como, principalmente, pelo desenho das postura e atitude, a ponto de podermos inscrever esta peça no grupo dos retratos socio-profissionais).

¹⁰ Do "Mapa dos Milagres" de São Torcato registados nos autos para a elevação do corpo, em 1805: "O mesmo [José da Silva Gomes, morador na rua de Trás-os-Oleiros, freguesia de S. Sebastião desta vila], tendo uma filha casada, estando esta enferma com uma dor que lhe tirava a respiração, vista, fala, e por algumas vezes chegou a estar imóvel, que parecia estar morta, sucedeu que, oferecendo a ao Santo e pondo-lhe dia certo, cobrou saúde; pois com a Medicina nenhum remédio alcançou, porque, como não obedeceu aos primeiros remédios, deixou de continuá-los: só saiu com a oferta que pela medicina do servo de Deus é que alcançou saúde, limitando-lhe só o tempo de um dia, por ver a grande aflição em que estava a dita sua filha, de que prometeu levá-la ao Santo amortalhada, o que já cumpriu, por prometer ser a primeira saída, que desse, ir de romaria ao Santo" - cf. Eduardo d' Almeida, "S. Torcato (Algumas Notas Dispersas)", *Revista de Guimarães*, vol. XXXIV, n.ºs 2-3, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1924, p. 323.

¹ Vd. a bibliografia que citámos (limitada ao interesse da peça para o estudo do mobiliário) e sobretudo a discussão que fizemos, na perspectiva da caracterização da fenomenologia votiva, do notável ex-voto de Manuel Borges de Brito (1773) a Nossa Senhora da Agonia, de Viana do Castelo - cf. Agostinho Araújo, *Sobre ex-votos de cordel (a propósito de duas visitas à igreja do convento de S. Francisco, do Porto, em 1773 e 1898)*, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 1998 (separata de *Museu*, IV série, n.º 7), pp. 288-289.

² Perdeu-se num incêndio (cf. Carlos Lopes Cardoso, "Painéis Gratulatórios Portugueses", *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos...*, p. 12) o ex-voto do lavrador Francisco Rodrigues, do monte do Pereiro, "estando em prigo devida em q. vio a morte rreprezen[tal]da", a Nossa Senhora das Necessidades, do Ameixial (1803), descrito felizmente por Luís Chaves, "Folklore de S.^{te} Victoria do Ameixial (Extremoz)", *Revista Lusitana*, vol. XIX, Lisboa, 1916, p. 327 (n.º 13); "À esquerda, um leito grande, baixo, sem cabeceira. De lá, médico de cartola, aponta para a Virgem num gesto de desalento. No canto esquerdo, ao alto, a Morte, esquelética, de asas negras, com uma gadanha dupla denteada, a encostar um dos ferros à frente do doente. No canto oposto, a Virgem".

³ "Milagre q. fez S. Domingos do Sacramento A Jozepha mana estando m.¹⁰ mal de / hua malina, Ja desconfiada dos Médicos Secarmentada e humgida com a vela na mão / rezandohe officio, dagonia e pegando-se, com m.^{1e} fé logo ficou liver de prigo em Agosto do anno de 1753" - cf. Luís Chaves, *Ex-votos do Museu Etnológico Português. Catálogo descritivo*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1915 (sep. de *OArcheologo Português*, vols. X3X-XX), p. 19 (n.º 13) e Idem, *Na arte popular dos ex-votos - Os "milagres"*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1970 (sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LXXX), p. 9 (n.º 3).

⁴ "Milagre que fés Nossa Snr.^a da Badia ao P. João Rebello da Costa, da freg. de São João de Villa cham, tr.^o da V.^a da Barca, e assistente na Rua do Souto da Cid.^e de Braga, que estando com hua gravíssima infermd.^e cauzada de almorreimas, que lhe chega rão a abrir a barriga e o corpo em doze partes, e ao depois de estar dezenganado dos Médicos e de tudo deste Mundo se apeguo, com m.^{1e} fe com Nossa Snr.^a da badia prometendo-lhe a sua mortalha e todos os Paramentos assim como havia de hir a Sepultura foi Nossa Senhora Servida dentro em poucos dias livralo de perigo de vida, estando neste grave perigo sinco para seis mezes aos vinte e sinco de Junho de 1780 annos" - cf. Cón.^o Arlindo Ribeiro da Cunha, *Senhora da Abadia. Monografia Histórico-Descritiva*, 2.ª edição, Braga, Confraria de N. S. da Abadia, 1977, p. 130.

Ora a opção de Tolentino por esse objecto votivo como instrumento da sua escalada retórica tem cabal pertinência: não só se incorporava o miraculado em procissões, devidamente amortalhado¹⁰ ou cumpria romagem dentro do seu caixão (que chegara a estar presente¹¹ - ou a própria figura da Grande Ceifeira¹², ou, mais vulgar, o sacerdote da Extrema Unção¹³ - nas pinturas do quarto dos moribundos), transportado pelos familiares, como noutros casos, de modo mais económico mas também eloquente, apenas se penduravam nos templos as mortalhas¹⁴.

b) ceras

"Numa infeliz madrugada, Antes
que o sol esclareça, Metido em
pobre caleça, Pus peito, senhor, à
estrada: Saí em hora minguada, Pois
negra traição me espera; Homens,
com génios de fera,

Me atacaram sem motivo;
Por milagre fiquei vivo,
E devo pesar-me a cera.

Vi revoltosos carreiros Com duro
agulhão armados; Vi nuvens de
paus alçados Pelos cumes dos
outeiros: Roldão, e o bravo Oliveiros,
Que alta pena heróis declara, Talvez
voltassem a cara Que a tantos tremer
fazia, Se nos campos da Turquia
Vissem carreiros da Enxara.

Vi os campos inundados
De gentes vagas e incertas;
Vi as estradas cobertas
De cacheiras e cajados:
Não valem rogos nem brados,
Não valem ligeiras pernas;
A raiva e o deus das tavernas
Acendeu tanto os campinos,
Que cuidei que os meus meninos
Teriam férias eternas.

Enquanto no duro chão Meu
companheiro arquejava, Eu muito
humilde esperava Também a minha
ração; Bem me lembrou que esta
acção Deslustrava a minha glória;
Mas não pretende vitória, Nem sabe
mover espada Mão, há anos,
costumada A dar só com palmatória.

Entre mortais agonias,
Da bruta gente escapando,
Me fui na sege encaixando,
Maldizendo as romarias;
Praguejei meus negros dias,

¹⁵ Nicolau Tolentino de Almeida, *Obras de (...)*, pp. 290-291.

Dias de pranto e de dor; Conheci
então, senhor, Que só me dão meus
destinos, Ou carreiros, ou meninos,
Que Deus sabe o que é pior¹⁵.



Fig. 2 - Assinatura do poeta

Os assaltos, as emboscadas com grave risco de vida, contam-se entre os temas ocorrentes com não rara frequência nos ex-votos de santuários rústicos e em outros que conservam esta ou aquela lembrança de perigos sofridos em longínquas paragens¹⁶, ao longo dos séculos da Colonização. Mas o banditismo tem por motivação o roubo¹⁷, enquanto as conhecidas cenas de varapau configuram quase sempre episódios de acerto de contas, umas vezes por confronto entre famílias, outras por recurso a "profissionais".

Ora o poeta faz aqui contrastar a violência do ataque com a ausência de justificação... e a miraculosidade do facto de ter escapado recomenda-lhe que jure prudente abstinência de romarias, pelos graves riscos que o livre culto de Baco aí desencadeia¹⁸.

Seja como seja, o certo é vir lembrar-nos como, enquanto salvado, devia patentear o seu reconhecimento de modo expressivo, através da oferta do dinheiro equivalente ao custo do seu próprio peso em cera¹⁹ - ou em trigo²⁰ -, prática de representação pessoal conotativa, ultrapassando a velha (e ainda em vigor, mais no tocante a crianças) assunção explícita do antropomorfismo.

Se algumas das peças desta última modalidade sobreviviam, cumprindo o seu papel de

⁶ "Mercê que fez Nossa Senhora do Valle a Luis Coelho Furtado, que vendose cercado de / gentio nosertam do Paraná das sette horas damanha inthe as coatro datarde sem ter mais esperanças de / deescapar com vida echamando por Nossa Senhora do Valle [l]ogo [ev]jdente mente, dezapareseraõ os gentios / epara lenbrança desta mercê mandou fazer este milagre acontecido na era de 1747 annos" - cf. Armando de Mattos, "Ex-voto, painel de milagre ou tábuavotiva", *Douro Litoral. Boletim da Comissão Provincial de Emografia e História da Junta de Provincia do Douro-Litoral*, série II, vol. VII, Porto, 1947, p. 38; *lêem, A ermida românico-ogival da Senhora do Vale (Cete)*, Porto, 1947 (sep. de *Douro Litoral. Boletim da Comissão Provincial de Emografia e História da Junta de Provincia do Douro-Litoral*, série II, vol. VIII), p. 5 (notas 2 e 3); Carlos Lopes Cardoso, "Duas tábuas votivas de Cete", *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, série IV, vol. XIV, Lisboa, Junho de 1965, pp. 4647; Agostinho Araújo, *A Pintura Popular Votiva no séc. XVIII...*, p. 18; Carlos Lopes Cardoso, "Catálogo", *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos...*, p. 140 (n.º 215); e Agostinho Araújo, "Apresentação" e "Catálogo", *Estarias de dor, esperança e festa...*, pp. 56 e 57 (n.º 13).

⁷ "Milagver; Q. Fes: N.S. do Carmo; A Mel: Friz. Mor. / na ilha Coutos. da Villa de Arrayollos; q. estandohuma / noite nocampo. com huma mullasaia; pastandoco / ella ocometeo. humladam. elhedeiõ. huma facadana / barrigua: q. ficou comas tripas na maõ; e foia Snrser / vida. prndeçe olladam com amullaelecubro. sau / de por feita eficou livre damorte A nnode1754" - cf. Túlio Espanca, *Património Artístico do Concelho de Évora. Arrolamento das Freguesias Rurais*, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1957, p. 186 e Maria Ludovina B. Grilo, "A ermida de Nossa Senhora do Carmo - Azaruja e os seus retábulos gratulatórios", *yl Cidade de Évora*, II série, n.º 2, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1996-1997, p. 201.

⁸ Agostinho Araújo, *Uma tábuavotiva poveira no santuário da Senhora do Bom Despacho (Cervães, Vila Verde)*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 2000 (sep. do Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, vol. XXXV), pp. 81-84.

⁹ Recordemos o conhecido ex-voto de meados do séc. XVII, do Santuário de Nossa Senhora do Porto de Ave (Taíde, Póvoa de Lanhoso): "MILAGRE. QVE. FES. N. S. DOPE¹ DEAVE NAS MINAS. DO= / OVRO. PRETO. EM HV. ESCRAVO DEIOAO DEAZEVEDO NA DOLV= / GAR. DELOIVOS. DOTR=DAV. DEMONTEALEGRE. OQVAL. ESTEVE HV/ANO DOENTE. SEM. ESPERANSA DEVI DA E 9 MEZES SEM FAIA EOPER= / METEO AD. SN. PEZADO ASERA ECOM 2 MISAS PEDIDAS. LOGO LHE / DEV SAVDE EFALA" - cf. Carlos Lopes Cardoso, "Catálogo", *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos...*, p. 139 (n.º 211); Maria Natália Correia Guedes, Maria Isabel Rocha Roque, Dália Maria Godinho Guerreiro, et alii, *Ob. cit.*, p. 125 (n.º VQ. 91); Agostinho Araújo, "Apresentação" e "Catálogo", *Estórias de dor, esperança e festa...*, pp. 64-65 (n.º 20); e Idem, "Pintura votiva setecentista e figuração de Negros (cenas do tempo das minas)", *Portugal - Brasil/Brasil - Portugal: duas faces de uma realidade artística* (coord. de Natália Marinho Ferreira-Alves), Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2000, pp. 269 e 270.

²⁰ "M. Q Fes o S' de Ma. m. aM. da S. m. de M. giz da Fr. de Parada, q es- / tando p⁸ parir com desmancho departo, de q perdeo oluizo, e foi tirada a Criança p- / ello Surgiaõ, q com m. trauhalho Sahuia aCriança com Vida, eaMaj foi dezempurada do- / s Surgioins não hauer Esperança deuida comhum flato torino, deq. tinha perdido o / s Sentidos, ela Com abbito em Sima desi uendo hum bizinho esta neçessid. Se apego- / u Com agente da emferma delhe fazerem hua Romaria todos des Calcos, e a emferma / vestida com o abbito, epezada atrigo, elogo ficou liure doprigo, e com Vida / dotermo de Barcelos a[nno] 1794" - cf. Rocha Peixoto, "Ethnographia Portugueza. Tabulae Votivae (Excerpto)", *Portugalia. Materiaes para o estudo do Povo Portuguez*, tomo II, n.º 2, Porto, 12 de Maio de 1906, p. 203; Guilherme Felgueiras, *Monografia de Matosinhos*, Lisboa, s/n [ed. do Autor], 1958, p. 723; e *lêem, As pinturas gratulatórias, ou "ex-votos". Bom Jesus de Matosinhos*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos, 1987 (sep. do *Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos*), p. 12.

afervoramento proselítico pela exemplaridade figurativa, muitas outras eram reconvertidas pelos cerieiros no indispensável combustível de culto²¹, apagando-se os sinais de individualização particular. De tal identificação (ou, pelo menos, enquadramento no estado social respectivo) fala o último verso de um soneto dedicado ao Conde de Resende, na qualidade de Presidente da Mesa da Consciência e Ordens:

"Os óculos, senhor, ao ar alçados,
Os filhos e a consorte compungindo,
Vai piedoso jarreta construindo
Em santo alpendre os votos pendurados. Ali
mostra grilhões despedaçados, Rotos baixéis aos mares
resistindo, E pálidos doentes ressurgindo Dentre
médicos maus, até pintados.
São más as tintas; mas é bom o intento;
E pois que o grato coração se esmera
Em pôr ao benefício um monumento; Não te
rias do voto que te espera; Em teus altos portais ao
mundo e ao vento Vou pendurar um clérigo de cera"²².

Mas este poema não é mais que a segunda parte ("pagamento") de mais um dos incontáveis episódios das relações de Tolentino com a fidalguia influente, sendo pois necessário conhecer a primeira ("invocação"), em que roga um benefício eclesiástico para o seu sobrinho Gonçalo José Maria:

"Se em meio de altas coisas, em que trazes
Por serviço do trono o teu cuidado;
Se de importantes prosas rodeado,
De humildes trovas algum caso fazes; Ouve,
ilustre senhor, singelas frases De um antigo poeta
aposentado, Cuja lida, por teima de seu fado, Sempre é
pedir que o livrem de rapazes.
Foi mão real, e nunca assaz louvada,
Como em meus versos muitas vezes leste,
Quem me livrou da mais rapaziada.
É digna a tua de livrar-me deste; Pior que
todos; carga mais pesada; Davam-me os
outros pão, e eu dou-o a este"²³.

Logo de imediato o poeta expõe novo díptico, dirigindo agora um apelo ao Principal Castro, Reitor da Universidade de Coimbra, para que fosse libertado um estudante responsável por algumas desordens ocorridas na Lusa Atenas:

"Aquele de quem tu o sangue trazes, Já me
livrou de um íntimo cuidado; Deu ouvido
piedoso ao meu recado,

²¹ Desde a Idade Média multiplicam-se as referências a ex-votos portugueses, repetindo-se a hierarquização dos objectos pelo seu valor material. Citemos, e para prosseguirmos apenas com exemplares documentados para a época da vida de Nicolau Tolentino, a partir dos "Autos da entrega, ao Bispo de Miranda, do edifício do Colégio dos Jesuítas de Bragança e das alfaias sagradas para dedicação ao culto", de 8 de Novembro de 1759": "(...) uma [imagem] de São João Francisco regis com resplendor de prata crucifixo de marfim com quatro olhos de prata de oblação e um vintém em dinheiro e trinta milagres de cera" - cf. *Arquivo do Tribunal de Contas. Colégios de Coimbra, Porto, Bragança, Braga e Gouveia (Companhia de Jesus)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969 (colec. "Documentos para a História da Arte em Portugal", vol. III), pp. 91 e 94.

²² Nicolau Tolentino de Almeida, *O Pícaro e o Satírico...*, p. 63.

³

O mesmo fez, que tu agora fazes. Em
mal polidas, mas humildes frases, Um soneto lhe
foi apresentado; O papel vinha em lágrimas
banhado, O assunto, já se sabe, eram rapazes.
Mostrou ao rogo meu ledo semblante;
E o seu ilustre coração clemente
Honrou e despachou o suplicante. Tu és
seu filho; e não será decente, Que sendo o caso em
tudo semelhante, Só o sucesso seja diferente"²⁴.

Notemos que, mantendo a inspiração dentro do universo votivo, Tolentino vinca que só a piedade e a clemência podem dar à humildade dos rogos (a arte dos seus sonetos...) tão felizes despachos. Também no segundo volante prosseguem as alusões ao caso do sobrinho, encadeando-se a matéria (coisas de rapazes...) e o patrocínio invocado (por via familiar), de forma que este filho do Conde de Resende igualmente merece ter pendurado no seu portal a representação em cera do perdoado brigão, apregoando a sua mão benfeitora. Mas as ironias (ferocidade supostamente amansada, impostor choro de arrependimento...) culminam com uma dúvida aterradora: onde encontrar um cerieiro que tenha molde capaz²⁵ para tão turbulenta figura?

"As pistolas, senhor, deitando fora,
E desta vez sem verdeais ao lado,
O manso Ferrabraz ajoelhado
Vos beija a mão austera e benfeitora.
Contrafazendo cara de quem chora, As culpas
atribui à inveja e ao fado; E por doudas algemas
ensinado, De ser um santo faz tenção por ora.
Não fico pelo novo penitente;
Só sei que a mão, que os ferros lhe rompera,
A mim preso me deixa eternamente; E à
vossa porta o vulto seu quisera, Qual do sobrinho
meu, deixar pendente; Mas homem tal, quem o fará
de cera?"²⁶.

Sublinhemos ainda que, se no caso do seu sobrinho, Tolentino beneficiou indirectamente do favor concedido (pois o tinha a seu sustento), na soltura do estudante Manuel Corrêa Monteiro Montenegro o poeta surge inequivocamente auto-representando a figura do impetrante autónomo, o que ora para que uma graça caia sobre outrem (familiar, amigo, etc); e, quaisquer que sejam as suspeitas sobre a futura "santidade" comportamental do jovem universitário, é ao orante atendido que cabe patentear eterno testemunho de gratidão.

O local onde reside a representação da entidade taumatúrgica é a sede da santidade. Em tal território sacralizado se deve depositar o ex-voto, erguer com zelo cumpridor o monumento de gratidão. Monumentalizar significa exceder a escala da experiência comum, visibilizar maximamente, desafiar a dimensão temporal.

O alpendre é local de convergência, devocional em si mesmo (por conter imagem, cruzeiro, painel de alminhas...) ou preliminar do templo; mas também espaço de abrigo e referência de passagem - goza, pois, das condições sociais de exposição que a memória do benefício requer.

Outrossim sucede (inventa o poeta, em ousada equiparação do profano ao sagrado...) na porta da

²⁴ *Ibidem*, p.64.

²⁵ Sobre os moldes para a produção dos ex-votos de cera vd. Armando de Lucena, *Arte Popular. Usos e Costumes Portugueses. Escritos e dados à estampa por (...)*, vol. I, Lisboa, s/n [ed. do Autor], 1942, pp. 84-85.

²⁶ Nicolau Tolentino de Almeida, *O Pícaro e o Satírico...*, p. 65.



Fig. 3 - Relação de cativos resgatados na cidade de Argel em 1754

casa nobre do titular homenageado, pela diferença de estatuto a que tem direito - aí pode ser vista por todos e, transmitida pelo vento, em exigência absoluta do esmerado grato coração, para sempre.

Também na décima ao Marquês de Penalva se prometem ceras, a simbolizar o reconhecimento do poeta pelo almejado estatuto de ex-professor, não por recurso ao tão estafado instrumento (a palmatória... que adiante encontraremos) mas sim ao próprio objecto do ofício:

"Ilustríssimo Penalva, Já que me
dais protecção, Sentido na
ocasião, Porque bem sabeis que
é calva. Se o vosso braço me
salva Das crianças pertinazes,
Se a poder das vossas frases
Meu duro grilhão se corta, Por
triumfo à vossa porta Pendurarei
dois rapazes"²⁷.

c) grilhões e algemas

Memórias condensadas e directas (como, entre muitos outros exemplos possíveis e no âmbito da saúde, as muletas; ou as colheres e tigelas de Nossa Senhora do Fastio...²⁸), os grilhões foram citando, ao longo da Época Moderna, a relevância social do encarceramento, sobretudo entre os Infiéis. Fruto das guerras e piratarias²⁹, esse duplo padecimento suscitava nos devotos a solidariedade das orações, das esmolas para assistência às famílias desprotegidas e para colecta dos resgates³⁰.

²⁷ Idem, *Obras de (...)*, p. 286.

²⁸ Agostinho Ribeiro; Alberto Correia; e Dulce Helena Pires Borges, "Catálogo", *Do Gesto à Memória. Ex-Votos. Exposição. Museu da Guarda/Museu de Grão Vasco/Museu de Lamego. 1998-1999*. Lisboa, Instituto Português de Museus, 1998, p. 191 (n.º 163).

²⁹ «y» q fcs o gr^a os Mártires a Manoel da Nazaré e sua / comp.^a em o livrar do Cativoiro de Salletinos em dia de S. João 24 delunho / del768. indo p.^a a Cid.^e de Almaria Rn.^o de espanha na frontr.³ de baderna / o seugio hua galliota de Salitinos e os perseguido por 3 vezes q. os obri / gou a Largar o jatte por seliurarem do Cativoiro SeRefugiaraõ a terra e / Largandolhe afortaleza pessa seguirão outro rumo os Saletinos deixando o jatte e / Logo tornamos p.^a o jatte euiemos seguindo uiajem porm.^{co} do d.^o Sm.^{ca} dos Mártires" - cf. Abel Viana, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas", *Arquivo de Beja*, vol. V, Beja, Câmara Municipal de Beja, 1948, pp. 27 e 37-38; e Albino Lapa, *Livro de Ex-Votos Portugueses*, Lisboa, s/n [ed. do Autor], 1967, s/p.

³⁰ "Mercê Recebida da Snr.^a da penha de frança que fes a Miguel Joaquim Pereira q. estando cativo em Argel se pegou com a Snr.^a e alcançou Resgate por sua emterceçam" - cf. *Real Irmandade de/N.S.da Penha de França / edeS. João Baptista / Catalogo / de todos os quadros e suas dedicatórias / que se achão inscriptas nos mesmos / quadros, segundo a redacção e orthogra / phia com que*

O perigo era constante, como se lembra na abertura do soneto ao Conde de Atalaia, que havia recomendado certa carruagem de aluguer:

"Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
De andar antes por mar, e mar com moiros;
É triste habitação dos maus agoiros, É um
resto infeliz do terramoto; Uⁿ³¹.

E o destino dos capturados tão duro quanto... o de um caloiro em Coimbra:

" Q
"Pão amassado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel,
Que pior não a teria,
Se fosse estudar a Argel.
C)ⁿ³².

Por isso, quando os elos de ferro, anos e anos penosamente arrastados, como que explodiam de repente e tudo sofria uma súbita resolução feliz, o milagrismo - que, como bem se documenta, teve multiforme e profundo enraizamento mental no País sobretudo a partir de Seiscentos - mais uma vez se impunha como perfeita chave explicativa.

Mas, em geral, a libertação de qualquer tipo de prisioneiro, a retoma da perdida dignidade, servia a Tolentino de situação extrema inspiradora:

"Se as insígnias da escola pendurando,
Qual preso que pendura as vis algemas,
Fosse em humildes, símplies poemas,
O teu nome às estrelas levantando; Se
eternas férias aos rapazes dando, Me instruísse
em polfíticos sistemas; E esta mão, que até aqui
riscava temas, Reais decretos fosse registando;
Se do alto da Ajuda, onde os destinos
Me salvassem dos dois Quintilianos,
Desse o último adeus aos meus meninos;
Que favores, senhor, tão soberanos! São quase
incríveis; mas por isso dinos Do faustíssimo dia dos
teus anosⁿ³³.

d) lagartos

A referência, no soneto ao Conde de Resende, às cadeias do sofrimento dos cativos que após a libertação são oferecidas como ex-voto, é uma emenda que o poeta introduziu ao tratar da única edição de sua responsabilidade, a de 1801 (aliás, convenientemente selecta e auto-censurada). Com efeito, todos os manuscritos contêm o verso "Ali mostra lagartos assanhados"ⁿ³⁴, evocando as peles

estão escriptas / Feito em 31 de Maio de 1903 / Por A. S. Castro, s/fl. [10], n.º 74. Renovamos os nossos agradecimentos ao Rev.º Pároco e à Mesa da histórica irmandade lisboeta que, nos inícios da década de 1980, amavelmente nos facultaram cópia deste importante documento do seu Arquivo.

³¹ Nicolau Tolentino de Almeida, *O Pícaro e o Satírico...*, p. 123.

³² Idem, *Memoriais e Sátiras...*, p. 31.

³³ Idem, *O Pícaro e o Satírico...*, p. 52. O segundo verso segue todos os manuscritos, havendo sido emendado ("Honrosas, porém rígidas algemas") para a edição em livro.

³⁴ Idem, *Ibidem*, p.63.

de crocodilos (e, numerosas, de cobras) que os fiéis, milagrosamente salvos desses perigos dos sertões, deixavam sentidamente nos santuários³⁵.

e) ferramentas

Em diversos pedidos e agradecimentos aos seus "bons Noronhas", bem como a outros protectores, repetem-se a cadeira ("alto assento de lavrado pinho"), os bancos, as "crianças pertinazes", ou "rapaziada" (ora "turba obediente", ora "rebelde gado"), ou "brava gente moça" dividida em decúrias, a referência aos dois livros que formavam o tratado de Marco Fábio Quintiliano *De Institutione Oratória* (e a outros, "bolorentos"), a algum "velho, crespo pergaminho". Enfim, na aula de "amernos estudos" e "sãs doutrinas", onde vivia, "por castigo, a narrações e exórdios condenado", a "dar por tema um verbo conjugado", consumia "a miserável vida" ensinando as leis dessa "arte infeliz, retórica chamada" a "bisonhos rapazes", muito pouco interessados na "facúndia conhecida" de Cícero, no "gosto delicado" do "velho Horácio".

Mas há um instrumento do ofício que muito de largo predomina na pintura da malfadada condição profissional de Tolentino; e a ele - "triste insígnia dos mestres de meninos" - quase tudo se reduz (como, por exemplo, conhecemos das bóias de bacalhoeiros isolados nos seus dórís)³⁶:

"(...)

Consenti que a larga história Que
Almeidas levanta aos céus, Lhes
deixe no altar da glória Pendente,
entre os mais trofeus, Uma negra
palmatória. Q"³⁷.

Vale a pena notar, para lá do que já ficou evidenciado ("ao mundo e ao vento", "o teu nome às estrelas levantando"), este erguer aos céus o agradecimento. Trata-se de uma retórica maximalista usada pelo grato coração do poeta para deixar aos aristocráticos benfeitores a indelével marca do seu sentimento, como na despedida da Quinta das Lapas, próximo de Torres Vedras, propriedade de D. Manuel Teles da Silva, Marquês de Penalva:

"C)

Um triste, que partiu para a cidade,
Chorando sobre as letras que escrevia,
No verde tronco de um cipreste abria
Este padrão da sua saudade:

³⁵ "As festas que se fazem à Senhora, são muytas; porque também são muytas as terras, que concorrem todos os annos a festejalla. Estas se começão desde o Espírito Santo até Outubro; porque nestes tempos vão todos a fazer àquella Soberana Rainha dos Anjos as suas celebridades, a pagar-lhe os os seus votos, & ofertas, & a ter as suas novenas. Na sua Casa se vêm muytas mortalhas, & outros muytos sinaes, & varias memórias das maravilhas, que aquella grande Senhora obra a favor dos que a invocão. Alli se vé também pendurada em hua linha de ferro da Igreja a pelle de hum grande lagarto marinho, ou Jacaré, que hum homem matou, favorecido daquella grande Senhora, em as partes da índia Oriental, que agradecido ao seu favor, lha veyo a offercer à sua Casa, o qual era natural daquellas partes, & vendose em hum perigo grande de ser despedaçado daquella fera, a Senhora lhe deu valor, & animo, para que o pudesse matar" - cf. Fr. Agostinho de Santa Maria, "Da milagrosa Imagem de N. Senhora da Lapa junto a Quintella", *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, que se venerão em os Bispados da Guarda, Lamego, Leyria, & Portalegre, suffraganeos do Arcebispado de Lisboa, Priorado do Crato, & Prelasia de Thomar. Em graça dos Pregadores, & dos devotos da mesma Senhora. Tomo Terceyro, que consagra, offerece, e dedica ao Excellentissimo Senhor Marquez de Fontes D. Rodrigo Pedro Annes de Sa, Almeida, & Menezes, Conde de Penaguiaõ, Camareiro mór de Sua Magestade, Capitão mór, & Alcaide mór da Cidade do Porto, & da Villa de Abrantes, Senhor de Penaguiaõ, Fontes, & Godin, & da Honra de Sobrado, Senhor do Sardoal, Commendador das Commendas de Santiago de Cassem, & de São Pedro de Faro, (...), Ex-Diffinidor geral da Congregação dos Descalços de Santo Augustinho de Portugal, & natural da Villa de Estremoz, & Chronista da mesma Religião.* Lisboa, Na Officina de António Pedrozo Galram, Anno de 1711, pp. 159-160.

³⁶ Agostinho Araújo, *Exposição de Tábuas Votivas de Vila do Conde e seu Concelho. Introdução e Catálogo*, Vila do Conde, Secção Cultural do Ginásio Clube Vilacondense (organização), com os patrocínios da Secretaria de Estado da Cultura e da Secretaria de Estado do Turismo e a colaboração da Câmara Municipal de Vila do Conde, 17 a 25 de Junho de 1978, p. 21.

³⁷ Nicolau Tolentino de Almeida, *Memoriais e Sátiras...*, p. 73.

³⁸ Idem, *O Pícaro e o Sático...*, p. 128.

«Enquanto, ò bom marquês, as musas belas
 Vão porfiando a qual primeiro tome
 De mirto e loiro para vós capelas;
 Este tronco, que o tempo não consome, Irá
 erguendo às lúcidas estrelas A minha
 gratidão, e o vosso nome»³⁸.

Ou nas duas últimas das quintilhas oferecidas a D. José de Noronha, Conde de São Lourenço:

“(…)
 Deixarei em mil letreiros O
 vosso nome entalhado Nos
 troncos destes loureiros; Possa
 ele ser respeitado Do negro
 vento e chuveiros.
 Ramos sobre ele estendendo,
 Dafne no seu peito o tome;
 E eu, doces hinos tecendo,
 Verei ir o tronco e o nome
 Té às estrelas crescendo”³⁹.

Nada disto, por mais literário e culto que possa parecer (e sem dúvida o é), constituía - ou constitui, de algum modo, ainda hoje... - surpresa de tomo para quaisquer vulgares apaixonados:

“(…)
 Qual co' a navalha afiada
 Desigual cortiça aplanada D'
 antiga árvore copada, E
 entalha, em letra romana, O
 nome de sua amada.
 Beija então as letras belas;
 E de versos curioso,
 Pondo brandos olhos nelas,
 Pede ao tronco venturoso,
 Que as vá erguendo às estrelas”⁴⁰.

Ora estes textos totalmente exteriores, expostos à fúria dos elementos naturais, também os conhecemos no fenómeno votivo, pelo menos desde o primeiro quartel do século XVII (e certamente não seriam então novidade), sob a forma de letreiros deixados sobre pedras e árvores por agradecidos navegadores⁴¹.

³⁹ Idem, *Memoriais e Sátiras...*, p. 66.

⁴⁰ *Ibidem*, p. Ul.

⁴¹ “Tanto que morreu [o capitão], elegeram por [novo] capitão D. Luiz de Souza, o qual mandou logo enterrar o capitão Jerónimo Correia Peixoto à porta de uma ermida que está na ilha, já mui desbaratada e destruída, sem portas, nem altar, nem cousa que pareça que ali foi igreja, porque os holandeses e os ingleses, inimigos da nossa santa fé, a destruíram, como fizeram ao mais que havia naquela ilha; somente em cima da porta está um letreiro que diz estas palavras: - *Dai graças ao Senhor, por vos trazer a este logar e vos livrar dos trabalhos passados.* Depois que o capitão foi enterrado, e se disse missa por sua alma em um altar que se levantou, entrando na igreja se achou uma tábuca que dizia desta maneira: - *Van Frans, capitão do Conde Maurício, com três naus, a 19 de Maio de 1621.* Pelas pedras da ilha e figueiras, que há algumas, estavam também postos muitos letreiros de particulares de toda a nação, conforme a tenção de cada um, e os da nau também puseram os seus.” - cf. João Carvalho Mascarenhas, *Memorável Relação da Perda da Nau Conceição que os turcos queimaram à vista da barra de Lisboa, e vários sucessos das pessoas que nela cativaram. Coma nova descrição da Cidade de Argel, de seu governo e cousas mui notáveis, acontecidas nestes últimos anos de 1621 até o de 1626, por (...) que foi cativo na mesma nau. Dedicada a D. Pedro de Menezes, Prior da Igreja de Santa Maria de Óbidos*, Em Lisboa, Na Oficina de António Álvares, ano de 1627 - reed. in *Viagens e Naufrágios Célebres dos Séculos XVI, XVII e XVIII* (colec. publ. sob a direc. de Damião Peres), vol. I, Porto, F. Machado & Cr (Depositários), 1937, pp. 32-33 (cap.^o II: *De como chegou a Santa Helena*).

f) vestidos

É no tema do naufrágio que Tolentino mais constantemente se apoia:

"Qual náufrago, senhor, que foi alçado
Por mão piedosa dentre as ondas frias,
Tal eu de antigas duras agonias Por
vossas reais mãos fui resgatado. C)"⁴².

A ele recorre quando tece o seu louvor da amizade:

Sobre inóspita praia
Lance o mar o navio destroncado;
No rolo d' água saia
O náufrago piloto descorado;
Areias não pisadas
Ensope o triste em lágrimas cansadas; Se em tão
duro castigo O céu, por novo caso não
pensado, O encontrasse c' o amigo, Que
anda da cara pátria desterrado, Chorara
de alegria, Feliz talvez chamasse o
triste dia.
O..)"⁴³.



Fig. 4 - Registro de Nossa Senhora das Barracas. 1757

Mas é especialmente em diversas passagens de composições, todas em honra dos Noronhas, que encontramos as várias etapas do fenómeno votivo consagrado ao risco de morte por afogamento no mar:

"C)
Embebido em esperanças,
Fraco piloto põe peito
Às ondas bravas, ou mansas;
C..)"⁴⁴.

⁴² Idem, *O Picam e o Satírico...*, p. 56.

⁴³ Idem, *Obras de (...)*, p. 356.

⁴⁴ Idem, *Memoriais e Sátiras...*, p. 52.

"Lutando em crua peleja
 Com meu fado esquivo e duro,
 Que derrubar-me deseja,
 Busco um asilo seguro
 Na ilustre casa de Angeja. A
 tão bom porto acolhido Me vedes,
 senhor, diante, Qual c' o molhado vestido
 Surge triste naufragante, Quase das
 ondas comido.
C)"⁴⁵.

Atente-se, sobretudo, na dimensão proselítica exigida pela aura do "santuário" e na escolha das roupas como símbolo do corpo, isto é, do próprio sujeito miraculado (como hoje, dando exemplos entre vários, se citariam vestidos de noivas e camuflados de combatentes):

"C)
 E enquanto o vento forceja, E no
 mar, que em flor rebenta, Meu
 fraco lenho veleja, Demando, em
 tanta tormenta, Por porto a casa
 de Angeja.
 Surgi em lugar seguro,
 Onde achei mil acolhidos;
 Clareou o dia escuro;
 E meus molhados vestidos
 Pelas paredes penduro"⁴⁶.

Ex-votos narrativos

a) textos

"(...)
 Depois que plano caminho Já
 meu pé trilhando vai, Pobre
 alfaiate vizinho, De um
 capote de meu pai Me
 engenhou um capotinho;
 Talhando a obra, maldiz
 A empresa que lhe incumbiram,
 Fez nigromâncias com giz,
 Sete vezes lhe caíram Os
 óculos do nariz. Sua obra se consagre No
 Portal das Barraquinhas, Com grossas
 letras de almagre; Tapou jeiras, passou
 linhas, Fez um capote e um milagre.
CF"⁴⁷.

Nesta passagem do *Memorial a Sua Alteza* (o malogrado Príncipe D. José) alude Tolentino à popularidade da ermida de Nossa Senhora das Barraquinhas, em Lisboa, uma das várias devoções

⁴⁵ Idem, *Ibidem*, p. 47.

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, pp. 61-62.

⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p. 27.

lembradas⁴⁸ ou eclodidas no terramoto de 1755⁴⁹.

O tipo de peça que parece ser referido é o texto narrativo, por meio de toscos caracteres traçados sobre o próprio portal da capela - levando-nos a evocar, em paralelo, outra rude mas veemente prática coeva, a das siglas gravadas nas portas (altares, arcazes de sacristia...) por gratos pescadores⁵⁰. E a função que se lhe comete não reside tanto na desobriga mas, mais, ao ser escrito ao lado de muitos outros em local célebre, a de propagandear um feito extraordinário, isto é, merecedor de consagração. Trata-se, assim, mais uma vez por analogia irónica, de memorar condignamente a alta competência do mestre alfaiate.

Mas qual a natureza do poder deste modesto vizinho? É neste ponto que o autor introduz subtilmente uma nota corrosiva, quiçá heterodoxa... pois acaba por manchar a fama do centro de romagem seleccionado. Com efeito, na segunda quintilha, o excepcional engenho do artífice é relacionado com as ciências ocultas: vitória sobre uma maldição, repetição ritualística com o número sete em grande destaque, predição do futuro pela comunicação com os mortos, como faziam desde a Antiguidade os necromantes; sendo o veículo escolhido um instrumento definidor por excelência do ofício - o giz do gesto criador de quem "sabe" (os óculos representam velhice e, logo, conhecimento) a arte de talhar.

Note-se ainda que o almagre (rico em óxido vermelho de ferro) pode ter o sentido figurado de sangue plebeu ou vilão, por contraste com o azul exclusivo da nobreza e assim, tal como o primeiro verso do soneto ao Conde de Vila Verde segundo os manuscritos ("Em pobre tábuas aqui vos dou pintada")⁵¹, vem reforçar a ideia do horizonte predominantemente popular e humildes destas fórmulas votivas.

Um outro exemplo de texto votivo, mas de teor erudito, é, como já vimos, o soneto à Virgem em que o próprio poeta se representa face a face com a Morte, até lograr escapar à sepultura já preparada.

b) pinturas

Ainda à casa de romagem das Barraquinhas, como destino de numerosas tábuas votivas, se refere Tolentino no final do soneto a D. Diogo de Noronha:

"Em puro voto aqui vos dou pintada
De meus sucessos a feliz história;
Deixai, ilustre conde, que em memória
Fique nestas paredes pendurada.
Vereis uma cadeira destroncada, Despojo
honroso de imortal vitória; Vereis uma
vencida palmatória

⁴⁸ "M. q. Fes. N.S.^a D. Penha D. Franca. A M.^{el} P.^{ia} De / sta Corte No Dia D. taramote q. Caindo 5 an / dares D. Cazas Em Sima Dele Recorendo A S.^{ia} Io / go Foi Seruida Acodirlhe Ao Perigo N.era. 1755" - cf. Maria Arminda Miranda, "Transcrição dos Textos", *Milagre q. fez. Exposição da coleção de ex-votos do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Setembro 1997 - Fevereiro 1998*. Coimbra, Museu Antropológico - Universidade de Coimbra, 1997, p. 11 (n.º 98).

⁴⁹ E não apenas em Lisboa - vd. o exemplo seguinte, onde é, aliás, patente algum dirigismo na circunstância assumido pelos Franciscanos: "M.^{se} eprodizio q. Fes av. N. Sr.^a dapiadade Atodos os Seus devotos e Moradores no lugar docodoSal Valendo Atodos / Com o Patrosinio da Sua Piadade emhua a Flisaõ taõ grande como todos Sviraõ emdia detodos os Santos q. Foi / o pr.^a dia de nobr.^a estando todos ouvindo Missa viraõ q. Tanto seabalaua Airmida Com o tremor dotera / mote q. alli lheparesia q. tudo Searrazaua q. athe o mesmo P.^e estando p.^a Consumir Ficou sem Saber oq. / Fizese Foi a Sr.^a taõ Piadoza q. estando Fexada aS.^a vidr.⁸⁵ a Sr.^a Sem xave asabrio, p.^a animar eliurar atodos; como taõ Bem permetio q. na mesma oCaziaõ chegase. 2. Religiosos de S. Fr.^{co} p.^e cõfortar eanimar o P.^e p.^a q. Finalizase amisa ano 1755" - cf. Manuel J. Gandra, *Painéis Votivos do Concelho de Mafra. Catálogo da Exposição. 18 de Março a 20 de Maio de 1990. Centro de Estudos Históricos e Emográficos Prof. Raul de Almeida*. Ed. polic. S/l [Mafra], Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Mafra, s/d [1990], s/p (n.º 21) e Idem (coord.), *O Eterno Feminino no Aro de Mafra. Roteiro Monográfico*, Mafra, Câmara Municipal de Mafra, 1994, p. 116.

⁵⁰ Amplas informação e discussão sobre esta matéria encontram-se *apud* [João Marques e Manuel José Ferreira Lopes], *Siglas Poveiras. Catálogo da Exposição Documental e Bibliográfica*, Póvoa de Varzim, Grupo dos Amigos do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, com subsídio da Secretaria de Estado da Cultura, 1979 (sep. do Boletim Cultural *Póvoa de Varzim*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, vol. XIX, n.º 2). Na mesma categoria geral se inscrevem também as *tabulae pictae* definidas pela existência somente de texto - cf., a propósito, Agostinho Araújo, *Gratulação e Proselitismo na Pintura de "Milagres"*, Viseu, Assembleia Distrital de Viseu, 1979 (sep. de *Beira Alta. Revista trimestral para a publicação de Documentos e Estudos relativos às terras da Beira Alta*, vol. XXXVIII, n.º 4), pp. 4 e 20 (nota 17).

⁵¹ Nicolau Tolentino de Almeida, *O Pka.ro e o Satírico...*, p. 57.

Entre as armas de Angeja debuxada.
 Se os náufragos, senhor, que a praia beijam,
 E escaparam da morte às mãos mesquinhas,
 Devotas tábuas pendurar desejam;
 Aceitai vós também ofertas minhas; Não zombeis
 do painel; talvez que estejam Com menos causa
 alguns nas Barraquinhas⁵².

De novo, como na homenagem à Virgem⁵³, é nas "paredes" do soneto, templo onde pratica este cultor das letras, que deve ser colocado o ex-voto central da sua vida.

Na verdade, Tolentino volta a mencionar a frequência, na Nossa Senhora das Barraquinhas, de tábuas votivas referentes a desastres marítimos. Serve-se de tal facto (ou mais precisamente e como convém ao ponto que defendemos neste estudo: do seu reconhecimento público como gesto cultural e cultural corrente) para vincar o quanto deve ao Conde de Vila Verde. Sem a intervenção de D. Diogo de Noronha não teria obtido o desejado ofício, permanecendo no "naufrágio" da sua vida de professor.

Se necessário fosse pôr à prova o realismo burguês do poeta lembraríamos que em 1786 apareceu o folheto de cordel, da autoria de Manuel Rodrigues da Maia, intitulado *Relação das malogradas tramóias e disputas, que teve huma Mulher com seu Marido, para que a levasse ás Barraquinhas*⁵⁴. E, principalmente, evocaríamos o detalhado testemunho de um franciscano:

"Com o grande terror que os povos de Lisboa receberão em seus entendimentos e corações com os horrores do terremoto do primeiro de novembro de 1755, fugirão p.^a os arrabaldes da cidade a salvar as vidas entre sustos e pobreza. O sitio do Beato António, como visinho da Corte e de agradável situação, foi plenamente povoado de todo o género de pessoas.

Nos primeiros mezes, por toda a parte, principalmente n'aquelle sitio, eraõ os arrabaldes hum continuado coro dos louvores divinos. Para estes se continuarem cada vez com mais fervor ali appareceu por providencia divina, em hua barroca, hua pequena imagem de Maria Santíssima, que principiou a levar a atençaõ e fé das gentes, de sorte que principiarão a dar-lhe especiaes cultos.

O Padre Mestre Doutor José da Conceição, que fervorosamente pregava missaõ por aquelles arrayais de gentes, foi o primeiro que lhe adiantou os cultos, já com sermões e já com procissões, e já collocando-a em lugar descende. Com as esmollas que foraõ concorrendo, dadas pelas gentes de hua continuada romagem, mandou fazer em huma grande parte da alameda fronteira ao Templo do Beato António, hua boa capella com seus commodos, em que a imagem foi descentemente collocada.

Ali dependendo benefícios a seus devotos, e recebendo incessantes adorações de inumeráveis romeiros, que de toda a parte concorriaõ a dar-lhe demonstração do seu agradecimento, esteve a santa imagem dez ou doze annos.

Nesse tempo havia na Corte trez homens irmãos, que se presavaõ muito de serem Reformadores de rithos, irmittões, indemoninhados e fanáticos, e fímdadores de cazas da estopa, da Calceta, de calabouços e grilhões, os quais empenharão seu poder em tirar daquelle logar a imagem da Senhora. Assim o fizeraõ, e os reverendos padres conigos de S. João Evangelista, do Beato António, a collocaraõ dentro na igreja, onde até este anno de 1778 continuaõ os povos em buscalla, como romeiros, e agradecidos a seus incessantes benefícios⁵⁵.

Mas o poeta, no soneto ao Conde de Resende, enumerara também alguns dos temas mais vulgares na pintura de "milagres", marcando sinteticamente o essencial: a recuperação dos enfermos

⁵² Idem, *Ibidem*.

⁵³ Para o soneto à Virgem, José Colaço Barreiros afirma (ed. cit. p. 137) ter adoptado a leitura da grande maioria dos manuscritos ("Pintarei"), abandonando a constante das edições ("Penduro"); em qualquer das formas está assegurada a função primordial das "paredes" - do soneto, repetimos - no cumprimento votivo.

⁵⁴ Claude Maffre, *Uoeuvre satirique de Nicolau Tolentino*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1994, p. 552.

⁵⁵ Fr. António do Sacramento, «Memória XVI. Da Senhora das Barraquinhas», *Memórias Curiosas em que, por estes annos de 1778, se acham as principaes cousas da Corte de Lisboa, por (...). Descrição do terremoto de Lisboa e estado da reedificação da cidade em 1778, com uma noticia sobre o auctor e sobre o original manuscrito*, por A. Vieira da Silva, Em Lisboa, Na officina do Tombo Histórico (Edições da revista «Feira da Ladra»), 1929, pp. 32-33.

por quem as conhecidas juntas de facultativos já nada podiam fazer⁵⁶, as míseras embarcações que a majestade dos oceanos não logrou vencer, a redenção dos longamente cativos. E, logo a abrir, numa das suas bravas pincladas de costumes, celebra a figura do vulgar zelador, tantas vezes decisiva, em particular em tempos e lugares de baixa densidade institucional, e que não raro o registo hagiográfico ou historiográfico sepultou.

E, sobretudo, com a notável concisão que o caracteriza, dá à arte votiva uma definição de teor lapidar: "São más as tintas; mas é bom o intento; / (...) / Não te rias do voto que te espera;" - como antes, dirigindo-se a D. Diogo de Noronha: "Aceitai vós também ofertas minhas / Não zombeis do painel; (...)".

Com efeito, embora nem sempre as tintas sejam tão más quanto isso (não se podendo esquecer o aqui e agora em causa, bem como a bitola a usar⁵⁷), ele marca de facto um rumo interpretativo - melhor diríamos, compreensivo - centrando-se menos na pintura e mais no pintado. Se o parâmetro conceptual é esquemático, óbvio e, em rigor, previsível, já a intencionalidade expressiva, guiada por um laço contratual de raiz mágica, profundo e colectivamente solidário, alcança por vezes pata-mares de surpreendente vigor.

Votos por cumprir

Em certas comunidades, competia aos familiares garantir o descanso de uma alma penada, alguém que voltava para delegar a satisfação de promessa feita. De facto, nem sempre o ciclo votivo se cumpria, pois o mais fácil era o chamamento aflito... como o nosso poeta notava:

"Que tornas a apontar, prometo e atesto;
Que eu, pássaro bisnau, fino garoto,
Depois de já ter feito o mesmo voto,
Jogo o que trago, e jogarei de resto.
Seguimos os tafuis o mesmo arresto Que
segue nas tormentas o piloto; Um parolim
desfeito, um mastro roto Tem produzido
muito vão protesto;
Ainda dos ardidos jogadores
Vão as pragas subindo sobre o vento,
Já tornam para o jogo os tais senhores.

⁵⁶ "O médico é representado por vezes sentado, com ar de desalento (Cat.^o 9 e 17), ou formando grupos [dois (Cat.^o 12 e 14), três ou mesmo uma "junta de sete mestres" (Cat.^o 18)] discutindo, impotentes, a doença "incurável!" ou "desenganando" os doentes e familiares. Distinguem-se, ao longo de todo o século, pelo uso de grande cabeleira, por vezes com "pó": casaca preta pelo joelho - notando-se a renda ou folho branco, a sair da manga rematada em canhão; e calções da mesma cor; gravata simples branca; meias negras e sapatos com fivela [ex-voto a N.^o 3.º Sr. da Conceição de Azurara, de 1720, ex-voto ao Senhor de Matosinhos de 1749 (Cat.^o 14,9,12,17,18), etc.]. Na 2.ª metade do séc. XVIII já se vêem as cabeleiras mais curtas, obedecendo à moda vigente [ex-voto ao Senhor de Matosinhos, de 1772]" - cf. Deolinda Carneiro, "Aspectos do Traje em Portugal no séc. XVIII, tendo por fonte a pintura votiva", *Estarias de dor, esperança e festa...*, p. 24.

⁵⁷ Recorde-se a excepcional posição que tem Domingos António, de Sequeira na história da pintura votiva portuguesa, na intersecção de capacidade técnica, erudição académica e respeito pela específica tradição (e recepção...) popular do tema, doseados variavelmente em três painéis que já estudámos - cf. Agostinho Araújo, "O Campo na Cidade - Aproximação à pintura de costumes. Sequeira: «A Sopa de Arroios» e outros temas", *Experiência da Natureza e Sensibilidade Pré-Romântica em Portugal. Temas de Pintura e seu Consumo (1780-1825)*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Carlos Alberto Ferreira de Almeida), vol. I, Porto, ed. do Autor polic, subsidiada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991, pp. 202-207.

Em particular quanto ao ex-voto de Pedro José da Silva, devem acrescentar-se ao registo bibliográfico da peça (cf. Idem, *Ibidem*, pp. 312-313, notas 188-193) os títulos: Luís Chaves, "Nos domínios da Etnografia e do Folclore", *Ocidente*, vol. XXVII, n.º 89, Lisboa, Setembro de 1945, pp. 53-54; Dagoberto L. Markl, "Ex-voto de Pedro José da Silva", *Sequeira. Um português na mudança dos tempos. 1768-1837*. Catálogo. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, Janeiro a Março de 1997, p. 155 (n.º 169); e Carmina Correia Guedes, "A tradição dos ex-votos", *Fons Vitae. Pavilhão da Santa Sé na Expo' 98*. Catálogo (Planificação e Coordenação: Maria Natália Correia Guedes). Lisboa, Secretaria de Estado do Vaticano, 1998, p. 186 (n.º 138).

E, sobretudo, importa divulgar dois textos publicados na época romântica e recentemente retirados do esquecimento, que terão sido dos primeiros a proceder à valorização patrimonial da notável composição sequeireana: "Bracara Augusta, cumpre-vos mostrar ao mundo artístico que sois a nobre herdeira do honroso título que vos legou a civilização romana. Pela íntima afeição aos nossos thesouros, eu, filho do Porto, conhecedor de que as vossas aspirações acompanham o progresso do século actual, e com inteira confiança nos sentimentos elevados de um povo religioso por convicção, de um clero illustrado, vou rogar-vos que salveis em quanto é tempo, do dominio dos ignorantes, duas obras de arte que são de nós todos.

É caso em que não liga o juramento;
Qual parida, que grita com as dores,
E sai prenhe no fim do regimento⁵⁸.



Fig. 5 - Casa onde morreu Tolentino, à Rua Eduardo Coelho

É a vós, exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. arcebispo, pastor respeitável do obediente rebanho que as vossas virtudes dominam; é a vós, principalmente, que me dirijo por este meio, porque uma palavra vossa, um desejo manifestado por vós á digna confraria do santuario do Bom Jesus, irá, creio-o firmemente, remediar o mal e o perigo a que infelizmente se acham expostos dois óptimos quadros a óleo, encarcerados desde muitos annos no gabinete dos milagres ou sachristia de aquelle templo.

Uma das telas, a que encontrei mais damnificada, representa no primeiro plano, um rico negociante do século passado, da cidade de Lisboa, que ao vêr um dia em grande risco de naufragarem suas mercadorias na entrada da barra d'aquella capital, possuido da fé íntima, da verdadeira fé religiosa, implora de joelhos a salvação da sua fortuna a Jesus Christo, que se observa na parte superior do quadro. Afigura do protagonista, magistralmente executada, vestindo se bem me recordo, o traje usado no tempo do marquez de Pombal e no qual sobresahe o collete de rica côr vermelha carmesim, desaparecerá brevemente sob as constantes camadas de pó, queimada pelo sol que durante certas horas do dia lhe bate de chapa, roubando-lhe o colorido! Tendo occasião de ver novamente esta formosa pintura, magoou-me a sua desgraçada sorte e a impiedade de quem a feriu com um rasgão! - Elle será pouco e pouco precedido [*sic*] de outros, se um coração generoso, uma cabeça intelligente, um espirito culto não prestar immediatamente os soccorros de que carece este primor do nosso celebre Sequeira, d'este mestre que representara bizarramente as bellas artes em Roma, onde estudou, e a quem nós pagamos hoje com a mais negra ingratião, ferindo e deixando cahir em ruinas um dos seus florões artísticos, uma pérola da sua invejável coroa!...

O Porto, que tem a ventura de possuir dentro de seus muros um distinctissimo restaurador de pinturas antigas e modernas, restituiria ao seu estado primitivo o quadro de que me estou occupando. Para esta cura radical e urgente tomarei a liberdade de apresentar aos dignos leitores d'este jornal o snr. Manoel A de Moura, com o curso completo da nossa Academia de Bellas-Artes, em quem deposito a máxima confiança.

Louvar-vos-hemos, pois, meretissimo senhor arcebispo, nós os cultores de bellas-artes, se de vós ou dos cavalheiros a quem está confiado o elegante templo do Bom Jesus, emanar uma ordem a vossos subordinados, para que seja com *urgência* removida do logar em que se acha e restaurada, esta pintura que tem grande valor estimativo. A religião ligada á arte por laços indissolúveis, a nossa sublime religião, que inspirara o grande Raphael, Flandrin e outros, que será eternamente a preferida, por que ella e só ella approxima mais de Deus a nossa alma, não quer que a fé interpretada pelo engenho humano, por meio dos pincéis e das cores, seja para os filhos de uma cidade com os foros de *augusta*, uma palavra vã em nome sem significação.

Abusarei da vossa benevolência, falando-vos ainda da outra pintura (...). Cumpre-vos, pois, senhores, remover, salvar sem perda de tempo as duas pinturas que são o thema da minha supplica e que se acham, como outras muitas em Portugal, como as da Sé de Vizeu, por exemplo, das quaes vos pintarei o seu desgraçado e indiscriptivo estado, se um dia me sobejar tempo, condemnadas a péssimas condições de luz e hygiene, e a viverem em logar acanhado, sem o cuidado quotidiano de limpeza que é indispensável para se evitar a sua morte lenta pela acção continua do pó e do tempo. E o peor é que muitas vezes quadros assim deteriorados pelo desleixo, pela falta absoluta de instrucção e amor pelo bello, são mandados assassinar intencionalmente; encarregando-se d'esta difficilissima missão quaesquer atrevidos *borradores* que auctorizados pela sua própria ignorância, e alguns pela sua malvadez, os sacrificam como vândalos que são em cousas da arte, restaurando-os a seu modo, ou applicando-lhes, para os limparem, a agua de raz, ou espirito de therebentina, como certo malvado fez em tempo ao primoroso retábulo do *Baptismo de Jesus Christo*, attribuido a Gran Vasco, que ainda ha pouco tempo tive a felicidade de admirar na *mitilada* Sé de Vizeu!...

Esperando que as minhas observações e pedido sejam attendidas, é de crer que uma ordem terminante, transmittida a quem vive em contacto com os apreciáveis quadros do Bom Jesus, seja bastante para que n'esta cidade se cure a lepra que invade o famoso quadro de Sequeira, evitando que os *phariseus* o martyrisem como succedeu aos frescos que embellezam o tecto da vossa catedral, rica de ornamentação, onde o *inconsciente caiadorcom* mão sacrílega alterou os contornos exteriores d'essas obras de arte, que espirites cultos de outras epochas la mandaram executar por talentosos pintores. (...) Porto, 24 de setembro de 1877" - cf. Francisco José Rezende, "Secção de Bellas Artes. Á Cidade de Braga", *Commercio Portuguez*, Porto, 28 de Setembro de 1877, reed. *apud* António Manuel Vilarinho Mourato, *Cor e Melancolia. (Uma biografia do pintor Francisco José Resende)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Agostinho Araújo), vol. III, Porto, ed. do Autor, polic, 2000, pp. 421422 e 422423; e "Quando v. ex.³ se dignou vir ao Porto consultar-me com referencia ao primoroso quadro de Sequeira, representando um negociante implorando, ajoelhado, a protecção de Jesus Christo,

Conclusão

Tolentino apresenta-se como que sempre renovadamente encantado pelo burlesco, logo começando, como bem se sabe, por rir de si próprio. É um "pintor de costumes" entregue, antes de mais, ao auto-deleite de esboçar, nos sonetos, nos memoriais e principalmente nas sátiras, quadrinhos de vibração pitoresca.

Muito sensível ao flagrante delito caricato, compraz-se na captação rápida de tipos e situações. Actuou como um inquieto humorista, deixando-nos numerosos traços, um tanto soltos mas de intensa vividez, do mais saboroso da Lisboa fini-setecentista.

Favorecendo a cor e o movimento em sacrifício de morosidades ordenadoras e obedientes às regras das composições mais complexas, não é legítimo pedir-lhe sequências panorâmicas globais e bem proporcionadas. Legou-nos, porém, preciosos lances de inexcedível pormenor definidor, muitas vezes voltando recorrentemente a figuras e ângulos que se impunham ao seu olhar saltitante - muito menos vocacionado para o correctivo moralizador que para a observação lúdica e divertida.

A importância desta fonte literária só aos mais desatentos parecerá residir numa estrita (e necessariamente fragmentária) veracidade autobiográfica. O que está em causa é o processo do costumbrista, a iluminação que aplica a cenas frescas e precisas, a partir do quotidiano e onde ele mesmo entra como personagem. E essa autenticidade da arte de Tolentino constitui o melhor garante da sua valia documental⁵⁹.

eu disse a v. ex.^ã que só o especialista Moura, residente no Porto, seria competentíssimo para restaurar-o, e que eu me responsabilisava pelo resultado. -Tenho a consciência de que falei verdade ao ex.^{mo} snr. dr. Carvalho, - porque a jóia de Sequeira lá está no santuário do Bom Jesus do Monte, tão perfeita como no momento de ser concluída pelo seu auctor. (...) Porto, 30 de setembro de 1879" - cf. Francisco José Rezende, "Bom Jesus do Monte. Carta ao Ex.^{mo} Snr. Dr. José Rodrigues de Carvalho", *Commercio Portuguez*, Porto, 30 de Setembro de 1879, reed. *apud* Idem, *Ibidem*, p. 446.

Pensamos, porém, que já antes, e atendendo ao facto do ex-voto retratar o principal benemérito do santuário, teria sido esta a peça confiada pela Mesa do Bom Jesus ao pintor dourador António Tomás Teixeira, que em Junho de 1824 "(...) dourou o caixilho e compôs o painel do devoto Pedro Jozé da Silva (...)", de acordo com extracto documental publ. *apud* Maria Luísa Gonçalves Reis Lima, *A renovação estética da igreja do Bom Jesus do Monte na Época Contemporânea*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Natália Marinho Ferreira-Alves), vol. I, Porto, ed. da Autora, polia, 1996, p. 298.

Depois do restauro devido, em 1878, ao pintor Manuel António de Moura (1839-1921), esta obra voltaria a ser tratada, em 1917, pelo também portuense Eduardo Augusto Ferreira de Moura - cf. Alberto Feio, *Bom Jesus do Monte*, Braga, Confraria do Santuário do Bom Jesus do Monte, 1930, p. 129 e Maria Luísa Gonçalves Reis Lima, *Ob. cit.*, vol. I, p. 263.

Não obstante, só pela oportunidade da exposição de 1983 e com o trabalho da respectiva equipa técnica (Raul de Sousa Machado, Cândida Namorado Simões, José Maria Matias, Casimiro Matias, João Teixeira, João Monteiro e Luís Silva), o painel de Sequeira seria devolvido à sua integridade, designadamente desocultando parte significativa da tela que se encontrava coberta pela moldura - cf. Orlando Gouveia Pereira, "Ex-votos marítimos: uma aproximação psicológica", *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos...*, p. 82, nota 4.

⁵⁹ Nicolau Tolentino de Almeida, *O Pícaro e o Satírico...*, p. 92.

⁵⁹ Tábuas das ilustrações: Figs. 1 - (Desenho, Museu Nacional de Arte Antiga): Claude Maffre, *Ob. cit.*, ante-rostro; 2 - Albino Forjaz de Sampaio (direc. de), *Nicolau Tolentino. A sua Vida e a sua Obra*. Desenhos de Saavedra Machado. Capa de Jorge Barradas. Lisboa, Empreza do Diário de Notícias, 1926, (colec. Patrícia - Os Poetas), s/p [*in fine*]; 3 - Luís R. Guerreiro, *O Grande Livro da Pirataria e do Corso*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, p. 234; 4 - (Desenho de Vieira Lusitano, segundo pintura de Fernão Gomes; e água-forte de João Silvério Carpinera): Luiz Xavier da Costa, *Francisco Vieira Lusitano, poeta e abridor de águas-fortes. Estudo crítico dos seus versos e das suas obras gravadas*. 2. ed., muito ampliada. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929, p. 155; 5 - Albino Forjaz de Sampaio (direc. de), *História da Literatura Portuguesa, Ilustrada*, vol. III, Lisboa, livraria Bertrand, 1932, p. 317.